

CAMINHOS DO
ISLÃ

As três orações de Abraão pai de todos os crentes

LOUIS MASSIGNON

*Patriarchae nostri Abrahae
omnium credentium Patri*
(9 outubro; martirológio romano)

Entre os homens de oração e de anseio, que apareceram no limiar desta geração, três dentre eles deixaram, àqueles que falaram de Deus, um testemunho de Seu santo Nome, uma herança incorruptível, um voto espiritual: para confiá-lo às gerações futuras, a fim de que elas experimentem, por sua vez, o poder salvador. Huysmans, Bloy, Foucauld foram marcados todos três, voltando-se a Deus, por uma disciplina de jejum e de oração, a mais despojada e mais dura que o Ocidente latino conhece, a mais próxima, também, da grande ascese imemorial do Oriente, a Trapa. Filha de São Bento por São Bernardo e Santa Rancé, neta, por consequência e por intermédio de Santo Agostinho, de São Basílio e São Pacômio do Diante da perversidade social crescente e do mistério de iniquidade dos tempos atuais, o último recurso da humanidade está aí. E é significativo que, concluindo toda a tra-

dição ascética da Índia e do Extremo Oriente, extirpando o solipsismo egoísta do iogue, para então fazer disso uma disciplina de expiação reparadora, capaz, nós vimos, de sobrepujar os meios de ação do colonialismo, idólatra do ouro e do sangue. Gandhi reuniu, numa morte poderosa para os pobres e perseguidos, o esforço dos santos eslavos solitários, originários de São Pacômio e de São Basílio, cujo último Tolstoi lhe havia transmitido, com o amor das Beatitudes evangélicas. A ascese não é um luxo solitário nos enfeitando para Deus, mas a mais profunda obra de misericórdia: aquela que cura os corações feridos, por seu próprio sofrimento e ferida.

Rezando, já faz quarenta anos, e tentando imitar esses três amigos e primogênitos, num canto do deserto do Alto Egito, Fao, lá onde outrora foi Phboou, o eremitério de Pacômio, o primeiro centro histórico da militante ascese cristã, pude experimentar a força: quando a inconsciência obstinada de um companheiro arastado até esse local se abre repentinamente por um instante no caminho da Graça. Lá, nesse deserto da Quarentena, onde se forma nosso desejo de travar batalha, a última batalha, para a salvação geral. Pelo jejum e pela oração. O deserto é silêncio, e temor, o jejum é antes de tudo silenciamento das vozes da carne, e a oração é filha do temor do Julgamento e do Juiz. A palavra é percebida no silêncio, o Dom de Deus informa a oração. No deserto árabe, o homem compreende o silencioso abandono do inocente lagarto gecko, e do cruel falcão encapuzado, na mão do mestre que se põe sobre ele. Na estepe iraniana, acuada à noite entre os faróis do carro que a perseguem, a gazela se ajoelha para chorar. Nós compreendemos a exigência divina que nos força ao silêncio e à oração? É o chamado no qual Deus nos estende as duas armas supremas que ele estendeu paternalmente ao Filho para entrar em sua Paixão pela vida pública; e essas armas só são forjadas junto

aos anacoretas e aos reclusos, voluntários ou não, nos carmelos, nos retiros e nas trapas. Quando se criticava Foucauld por ter saído da trapa, ele se irritava e afirmava que, se o Verbo saiu da silenciosa clausura da eternidade a pedido da silenciosa Maria, Ele volta para lá a partir da Ascensão, só rompendo o silêncio entre estas duas datas para um conselho da caridade.

O chamado da Igreja militante é primeiro um expatriamento, depois eleição da pátria. Não é bom para todos residir a vida inteira na terra (não foi permitido a São Bernardo conservar integralmente sua Regra), o essencial é ter feito muito seriamente um retiro para guardar por toda vida a marca viva e o sinal exemplar: a regra, a orientação diretiva, a transmiti-la. Huysmans passou por Igny, Bloy passou por Soligny, Foucauld, também ele, deixou Cheikhlé (agora deserto: o último trapista, o P. Philippe, foi pregado sobre a porta como uma coruja, por bandidos curdos, em 1915). Mas foram mobilizados pela suprema “guerra santa”, o “jihād akbar” dos árabes; eles saíram para levar através das almas do exterior seu testemunho para justiça; e este testemunho, cuja expansão feroz não está ainda obstruída pelas “sociedades de amigos” que trabalham para torná-lo insípido através da exploração, de maneira pouco remuneradora, provém da Ordem Cisterciense, e sua própria eficácia está ligada à manutenção da pureza original das Trapas. Quando os conventos de estrita observância fraquejaram, viu-se, na França antes de 1789 e antes de 1917 na Rússia, a sociedade entrar em decomposição.

Estes três testemunhos citados são tomados entre os leigos (Foucauld se tornou clérigo, secular e solitário apenas aos 43 anos); foi assim que isso se passou. É verdade que seria desejável, nesses dias de ação social, poder-se apoiar no testemunho público das coletividades constituídas e abençoadas para este fim; mas é precisamente o abuso de seus privilégios que as torna

fossilizadas e nos priva de sua ajuda. Um testemunho só tem validade pessoal, empregando um nome, normalmente pouco conhecido, enquanto o homem vive; Bloy e Foucauld souberam alguma coisa sobre isso, e se Huysmans conheceu alguma tardia notoriedade, foi quando o câncer já tinha atingido sua garganta. Quando Deus escolhe uma testemunha, mesmo na situação mais modesta, Ele a torna para os outros irreconhecível e odiosa. Ele vela sua alma para defendê-la da glória vã, como o Targui cobre-se contra a tempestade de areia, a fim de que ela descubra sua face apenas para Ele. Mas, ao mesmo tempo, esse disfarce a substituiu para os outros, para levar sem saberem disso seus pecados e desviar deles o castigo. Apesar da toxicidade crescente dos venenos da técnica atéia, Deus é suficiente por si só para desinfetar nossas chagas, com doses homeopáticas de santidade. Será necessário ainda que Ele os encontre. *Salutem ex inimicis*. Ele vai buscá-los entre aqueles a quem a penitência devolveu o sentido amargo do pecado; Ele os retira, um a um, do poço, e os lança sozinhos no grande largo.

Como? Ele os chama através de vozes amigas, das testemunhas “apotropaicas”, sucedendo-se, de geração em geração (isto é uma das mais fortes certezas de Huysmans: e é como a tradição árabe chama os “Abdāl”, os “Apotropaicos”, herdeiros de Abraão, dotados, sempre sem sabê-lo, de seu poder de intercessão, de compaixão reparadora); para levar à soleira desta porta estreita, tão pouco visível quanto impenetrável, que leva à pátria: a terra da promessa.

Nesse momento em que o pavor que nos oculta a proximidade de nossos últimos momentos nos faz voltar atrás, em direção às nossas origens, quando a malícia tóxica de nossas divergências nos obriga a buscar nossos ancestrais comuns, é aconselhável retomar, um a um, os elos da cadeia espiritual de testemunhos

puros dos quais dependemos (*series episcoporum* para as ordenações cristãs, *asānid* da tradição muçulmana); e eles nos reconduzem a Abraão, tanto mais forte quanto mais desesperado é o nosso caso. Mais que nenhum outro advogado das causas desesperadas, Abraão é um intercessor. Pois os outros Santos, que curam dos desesperos, cauterizam as chagas passageiras, enquanto Abraão continua a ser invocado como seu Pai por doze milhões de judeus circuncidados, que aspiram a possuir apenas para eles esta Terra Santa que outrora lhes foi prometida; e para quatrocentos milhões de muçulmanos que confiam pacientemente em seu Deus, nas cinco orações, nos casamentos, nos funerais, na peregrinação. Os judeus só têm uma esperança, mas ela é abraâmica, os muçulmanos têm apenas uma fé, mas é aquela de Abraão na justiça de Deus (além de todas as aparências humanas). E esses dois protestos seculares dominam, imóveis como vulcões em atividade, o desenvolvimento das alegrias e das preocupações passageiras dos não circuncidados, no dia crepuscular dos ídolos. Mas, pesquisando bem, disseminadas por toda parte, encontram-se as cinzas ainda quentes de uma erupção assustadora, ainda abraâmica, aquela da Cidade maldita que se afastou de Deus por amor a si, que concentrou toda fé e toda esperança num pacto de homem para homem, como os condenados; um pacto, apesar disso, que os ligou outrora com Abraão, e que, por duas vezes, o forçou a rezar por eles, as mais desamparadas criaturas de Deus; um pacto de lealdade de condenados, que foi para Abraão o surpreendente ponto de partida de sua vocação ecumênica. Uma palavra dada, respeitada, último refúgio da transcendência divina do testemunho fiel que vivifica toda fé e toda esperança. Entre as três orações solenes de Abraão, antes da oração por Ismael, o Árabe, e pelos muçulmanos, antes da oração por Isaac e pelas Doze tribos originárias de seu filho Jacó, a primeira a ser retomada, é a

oração sobre Sodoma; sem curiosidade malsã, sem desdém hipócrita na hora do *Angelus* da noite, “*che volge il disio*”.

Aqui não é lugar para examinar as condições de transmissão textual dessas três orações para nós, através de todos os acidentes aos quais foram expostas pelos copistas e tradutores. As descobertas da arqueologia semítica nos aproximam cada vez mais de uma continuidade das etapas que a história “externa” deve percorrer para se juntar ao meio abraâmico, e sublinham ainda mais o caráter excepcional, a permanência monolítica diante do apostolado cristão dos dois grupos da circuncisão, judeus e árabes. Como para toda criança que quer entender seu pai, um hiato permanece diante de nós, não circuncidados, de que só uma fé teológica (ou uma esperança, ou um amor de mesma força) permite transpor, pois Deus é verdadeiramente o Pai. Aqui intervém a cadeia espiritual dos testemunhos, corroborando a transmissão dos poderes sacramentais, *salvā inerrantiā*.

Paralelamente à história, a geografia de hoje nos aproxima de Abraão, nos concentrando em direção a um alto lugar da humanidade que começou por ser o seu. Lá também estão o árabe muçulmano, com sua dupla *qibla* (orientação de oração voltada para Meca e voltada para Jerusalém) e o pascalisante judeu, para quem “o ano que vem em Jerusalém” vai se tornar “hoje”. Eis o retorno, corporal, de dois irmãos inimigos, aos lugares de eleição de sua ressurreição (al-Aqsā para os muçulmanos, o Templo para os judeus, a 150 metros de distância, sobre o mesmo Hāram); a 350 metros de Anastásis ou Qiyāma (Santo Sepulcro) dos cristãos que, não tendo ainda retomado consciência suficiente de sua “adoção abraâmica”, não se preocupam em retornar para a Parusia do Senhor. Eles têm, todavia, testemunhos árabes de sua fé, e a convergência geográfica dos peregrinos de três cultos abraâmicos a uma mesma Terra Santa, para lá encontrar esta Justiça que

Abraão, através de sua prova tríplice, encontrou em seu Deus, gerou há um ano uma guerra horrível. Por quê? Porque os cristãos não realizaram ainda seu dever completo para com seus irmãos em Abraão. Porque eles não lhes explicaram ainda como amar esta Terra Santa, que é um dos dois termos da promessa a Abraão. O desejo da Terra Santa não poderia ser totalmente “teológico” porque Deus não é “mãe”. Mas nós, cristãos, que só podemos chamar Abraão de nosso Pai por “adoção” e por um “pacto de aliança”, substituídos nisso por seus aliados da Pentápolis (futuro Mar Morto) que Abraão salvou, na primeira vez, com 318 combatentes (cf. Gedeão, etc.), e não pôde salvar na segunda: nós entrevemos que a Terra Santa deve ser para a humanidade o símbolo de um “jardim de crianças”,¹ de um “ninho humano” preparado para nossa ida para junto de Abraão, de uma maternidade pura; para onde nos será necessário “voltar”, ao menos pela meditação, se quisermos renascer segundo o Espírito, como Cristo disse a Nicodemo. Que os cristãos, meditando com Huysmans e Bloy o desejo de hiperdulia que, a pouco mais de um século, nasceu na Igreja ocidental com as peregrinações francesas aos lugares de aparição de Maria, compreendam que ela é a verdadeira Terra Santa, que sua casa real é em Nazaré, onde, como Foucauld nos mostrou, Ela nos fez encontrar, com Ela, o “fiat” da vocação. Que eles pensem também em seus substitutos do tempo de Abraão, em seus aliados da Pentápolis maldita, nossos irmãos perdidos “por lá”. De modo algum eles devem se reunir numa peregrinação, mesmo mental, qualquer que seja, visto que, não querendo encontrar Deus como uma terceira pessoa na sua amizade a dois, eles só podem ser curados isoladamente. Mas,

¹E não o monopólio de um Estado racial, de um Israel carnal, recusando ter seu próprio Messias como Chefe.

uma vez isolados, num duro retiro é possível lhes mostrar, nesse aprofundamento de sua esterilidade voluntária, a Virgindade Nazarena; para que eles amem, com um amor de admiração tão puro como aquele do cristão pela Cruz, a Virgem, o Símbolo supremo da divindade transcendente (*al-matalul-'ala*, em Islã); pois esta admiração, este Louvor fecundo, é o motivo pelo qual Deus permitiu que Sodoma existisse.

A primeira oração de Abraão é aquela que ele fez para Sodoma, na Philoxenia de Manbré, que é uma teofania. "Este homem de todos os começos" e de todas as conclusões é tomado entre as duas palavras substanciais de sua união com Deus: "*Lèkh-lèkhâ*" (= "sorte": d'Ur) e "*Hinayni*" (= "estou aqui": para ir a Moria). Ele havia deixado a vida cidadina da Caldéia por aquela de um pastor errante; ele finca a primeira estaca que o fixa na Terra Prometida, bem próxima de seu futuro túmulo. Sua perfeita hospitalidade para com seus três misteriosos visitantes ("*tres vidit et Unum adoravit*"), vindo satisfazê-lo pela promessa de Isaac, induzindo-os a tentá-lo: Abraão, assegurado de uma posteridade, vai continuar a vigiar os de Sodoma, aliados de seu sobrinho Lot, que ele já havia salvado uma vez, de armas na mão; ou, visto que ele ao descobrir que eles tiveram atitudes condenáveis, se desinteressará do pacto de fidelidade? Anunciam-lhe então que eles pecaram horripelantemente, que o Senhor vai exterminá-los. Mas ele mesmo veio, nesta terra, como um estrangeiro, um hóspede. Mas eles foram seus hóspedes: o hóspede é e permanece sagrado; e Abraão entra com Deus nesta contestação inaudita, nessa negociação sublime que transtorna Bloy. Abraão não pode mais trazer 318 combatentes para salvá-los, é entre eles que ele se esforça por descobrir, na presciência divina que o interroga, seus salvadores, ele imagina uma oração cada vez mais pura, capaz de suscitar em Sodoma cinquenta, ou quarenta e cinco, ou quarenta, ou

trinta, ou vinte, ou somente dez justos, para que ela seja salva. Deus aceita, mas só havia três (dentre eles santo Lot de Ségor, como o chamavam os cruzados), e quatro das cinco cidades de Sodoma foram incendiadas. Mas mesmo que a exigência do sacrifício de Abraão continue em suspenso, após o salvamento de Isaac, até o sacrifício do Calvário, e mesmo que a promessa dos Dez persista, é preciso lembrá-la a Deus, em nome de Abraão. Recordando-lhe que esta promessa arrancada custou a Abraão primeiro o exílio de Ismael, expulso por Sara para o Deserto com Agar, depois a oferenda de Isaac sobre o altar, com o desconhecimento de sua mãe Sara; duas atrozes provas de amor, empenhadas, implicadas na veemência provocadora de sua compaixão, rezando por Sodoma; garantia de sua bênção pelos não circuncidados.

Sodoma é a cidade que ama a si mesma, que se recusa à visitação dos Anjos, dos Hóspedes, dos Estrangeiros ou daquele que quer exceder-se. É a cidade das corporações das profissões, das sociedades de pensamento, no qual o recrutamento procede, não por genealogia familiar, mas por iniciação técnica, por uma "pedagogia" que confina rapidamente, como H. Marrou acentuou em relação à educação nas cidades gregas, a um "socratismo". Isto é importante para que a profissão contraste com o lar, a liberdade da maneira de proceder dos homens com o pudor das mulheres. O depósito social da civilização requer uma verdadeira filiação de homens, que leva a um voto de celibato não implicando em nenhuma castidade, o que acontece com muitos médicos e músicos. Paralelamente, a cultura doméstica, os costumes privados só são transmissíveis de mulher para mulher e os privilégios ditos "matriarcais" não são sujeitos à jurisdição de tribunais "patriarcais". Esta deiscência mortal do instinto gregário nas civilizações foi denunciada por São Paulo; o uranismo é essencialmente

“dissocial”, o platonismo dos homens e o safismo das mulheres conduzem à formação de grupos revolucionários, foras-da-lei, conspiradores, carregadores, miseráveis, espiões, iniciados, médiuns. A mudança aparente de consentimentos entre os dois cúmplices une apenas duas intenções complementares de disfarce mental; o angelismo, ideal de começo, conduz rapidamente, após insaciáveis e estereis amplexos aonexo físico de um pacto que sufoca a sinceridade, para a consciência de uma “possessão”, para a invasão mental de uma intenção dominadora estranha, invejosa e perversa, aquela de um anjo pecador; propondo à alma possuída uma evasão para fora da matéria, sendo apenas um artifício; segundo a Escritura, é um crime que grita por vingança aos céus. A história nota certos períodos de crise desse gênero; aquela de Tebas, na Grécia, que começa com o rapto de Crispos por Laios, continua com o incesto de seu filho Édipo e termina com o sacrifício da Legião tebana em Querónia; aquela do Quatrocentos, que começa com Gilles de Rais e Ulrich de Jungingen, para terminar diante do martírio de um admirável dominicano, Jerônimo Savonarola, salvador da adolescência florentina.

É no interior desta tentação que a oração deve fazer surgir o remédio; pois a origem disto é nobre, uma vez que é espiritual, proveniente de um espírito puro; não sem má intenção, sem dúvida, posto que ele sugere à humanidade resignar-se a não amar a transcendência, encontrar consolo adequado numa amizade assexuada, onde os dois parceiros se reconhecem formados da mesma argila, tentando recuperar esta unidade primitiva da espécie humana que rompe a ferida no lado de Adão, do qual nasceu Eva. E esse perigoso atrativo só pode ser aviltado, se gestos carnis precipitam, como o marquês de Sade, em seu furor de esterilização destrutiva. Mas, na origem, no estado puro, esta amizade da co-naturalidade humana não é ainda “antinatural”; se ela se

aprofunda no pudor e na castidade, pode chegar a conceber o voto de virgindade, e amá-lo; pois esta idéia pura se insere na natureza humana como uma luz intelectual, sem lesá-la, *januis clausis*, enquanto a sexualidade geradora a fere. E, no máximo, esta amizade co-natural torna-se complementar do amor transnatural que une a Deus, e é uma imagem do segundo crepúsculo do Paraíso, a manutenção permitida do pacto de lealdade.

Mas para lá chegar, é preciso compreender que esse pacto não é toda hospitalidade que Deus pede para nós darmos ao próximo, ao estranho, ao não circuncidado, ao “hóspede de Deus”, em nome do qual Deus, Ele próprio, nos acolherá no Julgamento (“eu estava nu e vós me vestistes”); substituindo-se pelos aliados de seu sobrinho pela oração, Abraão o compreendeu; mas eles não aceitam nem mesmo o sacrifício que Lot lhe fez de suas filhas para salvar seus hóspedes de seus ultrajes.

Se só houvesse, na Cidade maldita, dez justos, ela seria salva. Esta oração de Abraão plana sempre acima das sociedades de perdição, para então suscitar esses dez justos, a fim de salvá-los, apesar delas. E é preciso crer que ela os encontra lá, de tempos em tempos, para que o fogo do céu, como em Cafarnaum, os poupe. Muito se teria a dizer sobre esse “fogo”, que é o sinal, tendo sido o instrumento da revelação, da segunda entre as línguas semíticas, o aramaico, língua da pregação evangélica, primeira língua internacional (dos artesãos e dos escribas), língua do exame particular no túmulo, dizem simbolicamente os muçulmanos.

Na segunda oração, em Berseba “poço do juramento”, onde Deus lhe impõe o expatriamento, “a hégira” de seu primogênito Ismael, Abraão consente em seu exílio no deserto, posto que sua descendência sobrevive, dotada por Deus no mundo de uma certa penitência privilegiada, marcando esta raça, ismaelita, árabe, de uma

vocação, a espada, “o ferro do poderio afiado” (Q. 57, 25) que suspende sua ameaça, já formado o Islã, sobre todos os idólatras; a quem a guerra santa é declarada. Implacável, tanto que eles não confessarão que existe um só Deus, aquele de Abraão: “o primeiro Muçulmano”. Reivindicação militante da pura transcendência, reaparecimento misterioso do culto patriarcal anterior ao Decálogo mosaico e às Beatitudes, desnudação do deserto, que conquistou Foucauld. Para o Islã, toda paz nesse mundo é bastarda, já que não é fundada sobre o reconhecimento do Deus de Abraão. E mesmo com os Cristãos e os Judeus, que eles toleram, os Muçulmanos só consideram um acordo sob a forma de ameaça de ordálio, de “capitulação” vassalizadora, abandonando, aliás, desdenhosamente a esses dois grupos tudo aquilo que, na vida econômica, atua idolatricamente sobre os “fatos de Deus”, seguros marítimos, taxas indiretas, comércio de metais preciosos e usura, bolsas. O Muçulmano não deseja estas vantagens, suspeitas a seus olhos tanto quanto os privilégios religiosos, dos quais esses dois grupos se vangloriam. Ele tenciona permanecer para Deus o combatente que só reclama como soldo sua parte no saque. O inverso da guerra santa, com toda certeza infinitamente mais nobre que as guerras pelo açúcar, o petróleo ou o potássio, é que ela termina com a exploração de Judeus e Cristãos tolerados, e a escravidão metódica dos idólatras. Foi do Islã que a cristandade tomou emprestado certos aspectos das Cruzadas e, mais tarde, o Asiento dos escravos negros enviados para o Novo Mundo. E depois, o homicídio, profissional junto aos militares, clama vingança aos céus, sobretudo quando, por desprezo do sexo, ele enterra vivas as netas. (Cor. 81, 8)

Há no Islã dos descendentes de Ismael um caminho em direção à salvação: é o *hajj* (= peregrinação). A guerra santa é apenas para os homens; para as mulheres “a guerra santa, é o *hajj* e a visita semanal ao cemitério”. Ora, o *hajj* é explicitamente fundado so-

bre Abraão e, acima das vítimas degoladas e ofertadas, existe, desde a véspera da imolação dos animais, a pura oferenda do coração de cada peregrino: em ‘Arafât, ele se oferece para toda a Comunidade, presentes e ausentes (cujos nomes ele grita). Neste momento a mulher é igual ao homem. Ampliando a páscoa judaica, a qual não é uma retomada da inveja racial, o *hajj* muçulmano a Meca é essencialmente oferenda espiritual em ‘Arafât, e a “descida da misericórdia” não espera as vítimas sacrificadas no dia seguinte para obter indulgência jubilar na qual o grande doutor hebreu Maimônides admitia a “validade abraâmica”; graças à intercessão de algumas almas puras, humildes e ocultas; assim, uma vez ao ano, a vida comunitária é saneada. Graças às lágrimas serenas, privilégio dos adoradores da transcendência, que ignoram os arrependimentos malsãos do romantismo ocidental. A história da raça árabe começa com as lágrimas de Agar, as primeiras na Escritura. O árabe é a língua das lágrimas: daqueles que sabem que Deus, na sua essência, é inacessível, e que tudo está bem deste modo. Se Ele vêm a nós, é como um Estrangeiro, que rompe nossa vida normal, à maneira de um intervalo relaxante do trabalho; e Ele passa. Alguns, aprofundando a oferenda de ‘Arafât, encontram lá um caminho em direção à União, mas sozinhos, e na noite.

Porque o Islã, vindo após Moisés e Jesus, com o profeta Muçammad, anunciador negativo do Julgamento de morte que atingirá tudo aquilo que foi criado — constitui uma resposta misteriosa da graça na oração de Abraão por Ismael e pelos árabes: “Eu te atendi também” (para Ismael). O Islã árabe não é uma reivindicação desesperada dos excluídos que será rejeitada até o fim, e sua infiltração misteriosa na Terra Santa nos mostra. O Islã tem mesmo uma missão positiva: recriminando a Israel por se julgar privilegiado, a ponto de aguardar um Messias nascido da sua raça, de Davi, segundo

uma paternidade carnal. O Islã afirma que ele já nasceu, desconhecido, de uma maternidade virginal predestinada, que é Jesus, filho de Maria, e que ele voltará no final dos tempos, como sinal do Julgamento. Ele recrimina também todos os cristãos por não reconhecerem os sinais da Mesa Santa, e por não terem ainda concretizado esta Regra de perfeição monástica, *rahbāniyya*, que, sozinha, forma neles o segundo nascimento de Jesus, antecipa neles, por esta chegada do Espírito de Deus, a Ressurreição dos mortos da qual Jesus é o sinal. Esta dupla reivindicação do Islã ao encontro dos judeus e cristãos que abusam de seus privilégios como se eles lhes pertencessem propriamente, esta intimação incisiva como a espada da transcendência divina, na qual o reconhecimento incondicional, apenas ele, pode aperfeiçoar sua vocação de santidade, é um sinal escatológico que deve fazer retomar com infinito respeito a segunda oração de Abraão, aquela de Berseba.

Em sua terceira oração, Abraão está no Moria, tradicionalmente identificado com o lugar do futuro Templo de Salomão. É o lugar da oferta de Isaac. Abraão leva ao extremo, a todo custo, a fidelidade que ele jurou a Deus no momento do pacto da circuncisão; ele abandona tudo, devoto à divina justiça, ele não se vangloria de sua vocação, ele abandona tudo que pudesse pensar da divindade, mesmo a qualificação moral dos atos; diante do critério crucial da experiência do divino. Mas sua adesão a Deus o ultrapassa, visto que o advento genealógico que ele tinha sacrificado lhe é devolvido; falta-lhe persuadir seus descendentes de acabar o sacrifício interrompido. Mas nem Isaac, que não se deixou prender quando tomado por um terror sagrado, nem Sara, que, deixada numa ignorância do “genocídio” aceito por Abraão, não hesita em desculpá-lo, e menos ainda os descendentes de Isaac por Jacob e as XII tribos, não serão convencidas (será necessário o abandono totalmente inocente de uma Virgem Mãe sem esposo

humano, para aceitar oferecer seu filho à morte). Dessa maneira, por seu sacrifício, Abraão tornou sua raça sacerdotal, consagrou os Israelitas a se tornarem Padres. Mas o literalismo farisaico, que negligencia a “participação”, os fez se conduzirem muito frequentemente como maus Levitas, “dissociais”, objetos de escândalo para os gentios. Também nós vimos crescer, através dos séculos, ao lado do filo-judaísmo dos iranianos e dos gregos de Alexandria, o antijudaísmo herdado dos gregos de Pérgamo, de Rodes e de Bizâncio. Diante do desprezo sacerdotal não apenas dos samaritanos e dos não circuncidados, mas de prosélitos, tratados como inferiores, e do sexo feminino: menos desprezado, contudo (por causa da promessa messiânica) nos filhos de Sara do que nos filhos de Agar. A fossilização do privilégio (sacerdócio ou nobreza), o legalismo hipócrita e os sacrilégios dos machos empalidecem com uma dor pouco saudável a história de Israel bíblico, do exterior — enquanto no interior prepara-se secretamente uma pureza desconhecida, um ressurgimento compassivo da Graça de antes da lei; junto aos filhos de Agar. A fossilização do privilégio (sacerdote sob a aparência dos pecados: incesto) (Tamar), prostituição (Rahab; Esther; Ruth), adultério (Bethsabá), lepra voluntariamente contraída por aquela que salva seu irmão três vezes das águas, trazendo para Israel a água penitencial de todos os seus Mikvah: Miriam, irmã de Moisés. E surge com Maria de Nazaré, que “se entrega ao Estrangeiro, para que desconfiem dela toda sua vida, a fim de que o verdadeiro Templo que ela concebeu guarde a marca do primeiro Templo: construído, lembrava-me Martin Buber, pelo filho do adultério. Nazaré expulsa-o, risca-o de seus Megilloth², Barcochebas matará todos

²Série apotropaica dos que concordam, *ad intra*; sustentada, *ad extra*, por uma outra série apotropaica de profetas (os XXXIX de Maimônides), fulminante contra os chefes prevaricadores.

os judeus-cristãos que se recusam a reconhecer que Maria foi adúltera, e três vezes — sob Constantino (com os Happisses), sob Bibars, e agora, em Nazaré soará um protesto legalista contra Maria.

A partir do século IV, o Novo Israel, a Igreja, imita os administradores do Antigo, onde os padres, o que beira o sacrilégio, e a simonia, se fizeram sustentar pelo Estado a fim de confiar ao braço secular a imposição pela força dos sacramentos sem persuasão nem conversão prévia dos corações. Este método, tendo permitido “colonizar” os pagãos da Europa, se choca com o Islã; e, antes de lhe retomar pelas armas a Terra da Promissão, a primeira Cruzada imagina associar a esta conquista do berço do Messias doçura e paz, os judeus, seus primeiros proprietários: batizando-os à força. Isso se passa na Renânia; lá, através de um gesto inaudito, as mães judias preferem que os rabinos estrangulem seus bebês, segundo um ritual de Aqueda, ligadura de Isaac (estudado por Zunz): batismo de sangue, confundindo martírio genocida que me revolta inicialmente, em 1949³. Depois meu amigo, o rabino Mauricio Liber, me explica a fé abraâmica que fazia estes oprimidos reencontrarem, Deus, como Pai e Filho, no lugar de seus pais e filhos imolados (com isso eu compreendi a morte de meu Pai, e de meu Filho mais velho, um pouco melhor). E o livro chocante de André Schwarz-Bart (*O último dos justos*) sobre o Lamed Waf — e o suicídio heróico dos judeus de York, em 11 de março de 1185.

A crueldade dogmática do inquisidor cristão batendo contra esse Sinal de Sangue, Testemunho do Espírito, imagina um compromisso sobre o Ouro, graças a esse versículo (Deut. 23, 20) permissivo da usura frente ao estrangeiro: versículo que Jesus tinha abolido (Mat. 10, 7) para estabelecer a fraternidade univer-

³“Deus vivo”, n° 13, 1949, p. 26.

sal; mas que Israel tinha aplicado, fundando para os califas muçulmanos seu banco colonial, “levando para eles o pecado da usura”. Da mesma forma, a partir do Concílio de Viena, Israel substituiu o Islã pela cristandade e organizou (com monopólio) seu banco de colonização. Sem prever que com o tempo os pogroms dos humildes colonizados e explorados seriam desviados contra o usuário judeu, “sugador de sangue dos pobres” (diria Bloy) por seus perversos cúmplices, maus clérigos cristãos. Isso provoca nos meios tanto judeus como cristãos desta malsã simbiose usurária uma tomada de consciência ruim do pecado deles; pela magia negra, rituais de feitiçaria (assassinatos simbólicos: maçônica dos assassinos do Hiram, homicídios de Aman ou de uma criança cristã nos meios de marrãos “forçados” e cétricos, missas negras de maus padres cristãos). Nós tratamos em outro lugar dessas deformações cuja frequência ⁴ e alcance social Huysmans parece ter superestimado.

A partir de 1917 e 1948, o restabelecimento de Israel em “Eretez Israel”, prometido a um Messias de doçura, numa fraternidade universal implicando anulação do privilégio de Deut. 23, 20, — se consolidou, dizia-me o santo R. Judah Leib Magnes, pelo Ouro e pelo Sangue, fazendo seus irmãos caírem sob o *herem* do Congresso de Bale (1897). É preciso, e suficiente, para que Israel se torne “irmão universal”, que ele renuncie a seu privilégio de Deut. 23, 20; não somente frente a seus irmãos em Abraão, os árabes (perseguidos ou expulsos), mas frente a todos os homens. Será necessário que Israel volte a ser uma comunidade esseniana (cuja descoberta dos mss. de Qumrã é o presságio; com a descoberta de traços essenianos em Éfeso, lá onde a Mãe

⁴Cf. a reedição de 1962 do número da “Torre de Santiago” de 1957 (sobre Huysmans). Acrescentar aos quatro casos retidos por Clemente XIV S. Eustratio da Ucrânia (1076).

de Jesus, exilada, tinha encontrado refúgio). Em todo caso, a crítica marxista anuncia o fim da economia bancária baseada no Deut. 23, 30 privilégio indevidamente cedido aos Goim; abolido pelo Messias.

Abraão rezou, em última análise, para que o pacto social que funda as cidades seja puro, para que os combatentes cheguem a uma paz fraternal, para que o sacerdócio seja santo, e essas três orações, a Mambre, a Berseba, a Moria formem apenas uma, e a terceira é o selo das duas outras. Uma Filha de Abraão veio: a Cidade Maldita tinha recusado hospitalidade aos Anjos Estrangeiros, Ela acolheu o Espírito Santo, o Amor, a quem não se pergunta nem “por que”, nem “como”; a raça de Ismael optou por fazer a guerra em nome de uma transcendência inacessível em Sua paz. Ela recebeu a saudação desta Paz; Israel todavia não se resignou a acentuar do fundo do coração o fardo surpreendente de catástrofes que comemoram os jejuns e as penitências que preenchem a liturgia. Ela, na primeira ocasião, aceitou ser suspeita de estar noiva, caluniada pela vizinhança, qualificada de adúltera nos controles genealógicos de sua cidade natal, e suspeitada (ou ignorada) desde mais ou menos dois mil anos pela sua raça, que ela amava infinitamente, visto que ela expôs, para salvar a humanidade, o voto secreto de um coração imaculado, o que é mais do que, para Abraão, ter oferecido Isaac. Pois ela assim ofereceu para Israel a própria raiz da justificação de Deus frente à sua única criatura perfeita, em um sacrifício espiritual inimaginável dos Anjos.

Ela é também a verdadeira Terra Santa, sendo esta “argila” virgem, predestinada, *sublimiori modo redempta* onde são concebidos, com seu Chefe, todos os eleitos. É então Ela quem, como uma linha do topo, e não de partilha, onde pressente-se sua apari-

ção, atrai os peregrinos que procuram justiça sobre os altos lugares da Palestina, judeus, cristãos, muçulmanos, sem que, mesmo estes últimos, tivessem dúvida disso. Como Abraão, esses expatriados, tornados nômades, encontram na Terra Santa seu lugar de eleição, e é bem aí o último país sobre a terra de onde se poderiam exilar, “pessoas deslocadas” sem que houvesse injustiça. Mas lá o ciúme reina, e a industrialização do potássio e do petróleo são os dois intrusos nesse *kindergarten*. A Palestina se torna visivelmente o centro do mundo, colocada entre os dois blocos de potências em conflito. E, nesta guerra de posições, a linha de osmose da resistência ao mal e da compaixão reparadora, esta linha, que Ghandi tinha tentado salvaguardar para a Índia com a libertação dos lugares de oração, demarca na Palestina, Hibron (de Abraão), Belém (de Ruth), Jerusalém e Nazaré (de Maria); ela domina a fossa jordaniana, desde o Mar Morto até a planície de Armagedon a Oeste, entre o Carmel e o Tabor — e, a Leste, até o Lago das Beatitudes.

É lá que é preciso ir escutar, sob o rebrantar de uma onda de profanações anunciadoras do Julgamento, o chamado de nosso Pai comum, convocando todos os corações, que têm fome e sede de Justiça, à peregrinação, à Cidade Santa; chamado repetido aqui, no retorno de uma décima terceira visita, feita não sem um grande desejo, ainda não atendido, de lá morrer.

Tradução
Sérgio Guimarães